

UM EXEMPLO DA EMERGÊNCIA DE GÊNEROS NO FACEBOOK*
AN EXAMPLE OF THE EMERGENCE OF GENRES ON FACEBOOK

Vicente de Lima-Neto¹
 Mestre em Linguística
 Universidade Federal do Ceará
 (netosenna@gmail.com)

RESUMO: As práticas discursivas em sites de redes sociais no Brasil não são novas: desde 2004, com o Orkut, os brasileiros têm a experiência de se comunicar em tais sites. Desde 2010, o Facebook tem grande feito parte da vida dos brasileiros, o que exige uma grande produção textual na internet. Este trabalho objetiva discutir a emergência de gêneros no Facebook, orientado epistemologicamente pelo conceito de gênero de Miller (1984 [2009]) pelo conceito de emergência trazido pela Teoria da Complexidade (LARSEN-FREEMAN, 2008; BRAGA, 2009). Para isso, analisamos o comportamento do mural do Facebook de variados usuários e chegamos à conclusão de que um dos elementos que contribuem para práticas de linguagem novas é entender as Redes Sociais da Internet (RSIs) como Sistemas Adaptativos Complexos (SACs).

Palavras-chave: Sistemas Adaptativos Complexos; Emergência de gêneros; Facebook.

ABSTRACT: Discursive practices in social networking sites in Brazil are not new: since 2004, with Orkut, Brazilians have the experience to communicate on such sites. Since 2010, Facebook has made big part of Brazilian life, which requires a large production of texts on the Internet. This paper discusses the emergence of genres on Facebook, epistemologically driven by the concept of gender Miller (1984 [2009]) the concept of emergency brought by complexity theory (Larsen-Freeman, 2008; BRAGA, 2009). For this, we analyze the behavior of the Facebook wall of various users and came to the conclusion that one of the elements that contribute to practice new language is to understand the social networks of the Internet (RSIs) as Complex Adaptive Systems (CASs).

Keywords: Complex Adaptive Systems; emergence of genres; Facebook.

Considerações iniciais

As pesquisas com redes sociais da internet (RSI) em Linguística têm ganhado grande relevância desde o surgimento do Orkut, em 2004, quando se trouxe novas formas de interagir na rede e, principalmente, práticas de linguagem (re)criadas que, no decorrer do tempo, ganharam características próprias e certas regularidades que nos levaram a imaginar tratar-se de gêneros novos. Quando voltava-se o olhar para a internet, os casos dessa natureza passaram a ser chamados de **gêneros**

* Artigo produzido no âmbito do Projeto REGE (Redes Sociais e Reelaborações de Gêneros) – Etapa I – sob coordenação do Prof. Dr. Júlio César Araújo. Agradeço à mestrandá Sayonara Costa por sua leitura crítica e atenta à primeira versão deste trabalho e pelas sugestões metodológicas. Os problemas remanescentes são de minha inteira (ir)responsabilidade.

¹ Doutorando em Linguística. Bolsista CNPq.

emergentes do meio virtual (MARCUSCHI, 2004), ou gêneros digitais, embora ainda sem se entender exatamente como eles funcionavam.

Neste trabalho, propormo-nos a discutir o fenômeno da emergência de gêneros no Facebook, com base na Teoria da Complexidade, que nos auxilia nesta empreitada. Ao que parece, as RSIs funcionam como um Sistema Adaptativo Complexo (SAC), o qual tem como uma de suas características a emergência.

Das RSIs

O estudo sobre redes sociais na internet no Brasil tem encontrado respaldo principalmente nas pesquisas da Comunicação, com Recuero (2006; 2007; 2009), por exemplo. Em Linguística, embora tenhamos trabalhos neste campo específico, como Santaella e Lemos (2011), precisamos fazer pontes com essas outras áreas para que as explicações sobre redes sociais e as práticas de linguagem que lá se realizam estejam a contento. Neste trabalho não será diferente.

Embora apenas no século XXI, com a chegada do Orkut principalmente, o assunto tenha ganhado grande relevância e, por consequência, tenha passado a fazer parte das conversas cotidianas, as redes sociais não são inerentes à internet. Elas começaram a ser analisadas ainda no início da década de 1970, com o intuito de verificar ações individuais e fenômenos coletivos, assim como a criação de estruturas sociais e suas dinâmicas; as diferenças entre os indivíduos e os grupos sociais etc. Isso significa que o que, no senso comum, entende-se por redes sociais na Internet (RSI) – Orkut, Twitter, Facebook, Myspace, Hi5 etc. – não são as próprias redes, mas sites que potencializam a formação delas, pois “[...] uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais).” (RECUERO, 2006: 26). Logo, de nada vale a web e os sites sem que, por trás deles, estejam os indivíduos sociais agindo. Recuero (2007, online) trata dessa temática em texto publicado online:

O sistema, sem o grupo, nada mais é do que um site/*software*. Já o grupo, mesmo sem o sistema, continua sendo um grupo. O risco de tratar todo o tipo de sistema como comunidade ou como a rede é aquele de que nem todos os *sites* possuem um grupo social associado. E nem todo o grupo social associado pode constituir uma comunidade virtual.

Em suma, a rede social é formada por pessoas e pela relação que elas estabelecem entre si, interagindo socialmente. O sistema é sócio-técnico e apenas possibilitará (ou não) a formação de rede. O Facebook, então, que é o universo onde pensamos nosso trabalho, será entendido como *software* online hospedado em sítios na Internet que possibilitam a formação de redes sociais construídas por todos aqueles que têm conta em um desses sites (atores) e que interagem (conexões) por meio deles.

Os atores, então, “são as pessoas envolvidas na rede que se analisa” (RECUERO, 2009, p. 25). Quando se trata de uma rede social, eles ganham a terminologia de *nós* (ou *nodos*). Logo, as estruturas sociais serão construídas a partir das interações que eles desenvolverem. Já as *conexões*, o outro elemento que é base das redes sociais, “são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores. De certo modo, são as conexões o principal foco do estudo das redes sociais, pois é sua variação que altera as estruturas desses grupos”. (RECUERO, 2009, p. 30).

É bom lembrar que muitas das conexões entre os atores do Facebook já existiam fora da internet. Amigos da universidade, colegas do trabalho, pessoas que há muito não são vistas e se reencontraram no Facebook, enfim, todas elas formam uma rede social que é apenas metaforicamente materializada no site em questão. A partir dele, amigos de amigos podem se vincular por laços virtuais ou mesmo pessoas que pouco contato têm fora da *web*, mas são “amigos” no Facebook. Isso significa que o site pode potencializar (ou não) a formação de redes sociais.

As interações que acontecem entre essas pessoas, que é o que nos interessa, são feitas, muitas vezes, por práticas de linguagem emergentes, que são usadas para que a interação nesses grupos atenda a propósitos comunicativos cada vez mais variados. A interação acontece não somente pela semiose verbal, mas por outras semioses cujos recursos para uso (aplicativos, por exemplo) são disponibilizados nos próprios sites, o que termina por promover linguagens emergentes.

Para Hornick (2005), estamos vivendo uma nova versão das redes sociais, a 3.0. Ele faz uma retomada dessa evolução: primeiramente houve as RSIs 1.0, que emergiram no final dos anos 1990 e eram caracterizadas como um conjunto

de serviços disponíveis para o consumidor e que propiciaram a comunicação em tempo real através de redes coordenadas. Dentre elas, estão o ICQ e listas de discussão, por exemplo. O autor enfatiza que elas não eram descritas como redes sociais, mas fomentaram a base para o conhecemos hoje.

Depois, vieram as RSIs 2.0, que começaram no início dos anos 2000 e surgiram a partir do momento que alguns empresários viram a potencialidade da Internet de agrupar pessoas em uma rede online. Então, Orkut, Friendster, LinkedIn etc. foram serviços que tinham como intuito organizar as pessoas a depender da finalidade: entretenimento, negócios, marketing pessoal etc. Aqui houve uma consciência real dos usuários sobre o que é uma rede.

É importante ressaltar que são nas RSIs 2.0 que acontece uma explosão de novas práticas de linguagem. Exemplos desse movimento são as listas de discussão, antes centradas num único site, passam a ser ampliadas e coocorrem no Orkut, por exemplo: são os fóruns; depois, vêm os comentários (ou *posts*, que deixam de existir apenas em blogs); quadro de recados (no caso do Orkut, o *scrapbook*), mensagens coletivas, felicitações, sem contar dos gêneros que se mesclam nesses ambientes, chegando a formar novos gêneros.

Atualmente, estamos nas RSIs 3.0. Segundo Hornick (2005),

[...] tornou-se claro que a construção e o gerenciamento de uma rede social não era, em si mesma, uma experiência do consumidor convincente. Em um aceno de volta às instâncias iniciais das redes sociais, os empresários têm percebido que as redes sociais são facilitadores de outras experiências do consumidor convincente. Assim, as redes sociais vêm a ser um importante ingrediente para todos os tipos de experiências de consumo. Redes sociais informam sobre as conversas que acontecem entre amigos no LiveJournal. Redes sociais permitem a descoberta de uma nova música no MySpace. Redes sociais melhoram a experiência de jogo entre vários jogadores no Xfire. Redes sociais agora empoderam o recrutamento no LinkedIn². (HORNICK, 2005, online)

² Nossa tradução de: "it became clear that the building and management of a social network was not, in and of itself, a compelling consumer experience. In a nod back to the earliest instantiations of social networking, entrepreneurs have come to realize that social networks are enablers of other compelling consumer experiences. Thus, social networks are becoming an important ingredient of all sorts of consumer experiences. Social networks inform the conversations that take place among friends on LiveJournal. Social networks enable the discovery of new music on MySpace. Social networks enhance the multi-player gaming experience at Xfire. Social networks now empower recruiting on LinkedIn. And dozens of new social networks are emerging to enable specific, valuable consumer experiences that are enhanced by the underpinnings of the network" (HORNICK, 2005, online).

Logo, é fato que as redes sociais sempre foram formas de agir no mundo. O que difere as RSI 2.0 das 3.0 é que, nessas últimas, elas não se prendem exclusivamente ao agrupamento de pessoas. Agora, também servem como extensões da vida humana no meio virtual. Há perfis de empresas, por exemplo, com o intuito de vender seus produtos; outras com o propósito de realizar denúncias; outras com serviços de atendimento ao cliente, enfim, preocupações que ultrapassam as que havia durante o seu surgimento, em meados dos anos 2000. Agora, mais do que nunca, há, como diz Santaella e Lemos (2011), um amadurecimento da sociabilidade em rede, inclusive permitindo a integração e a comunicação entre elas. A tela do computador deixou de ser a única materialidade possível de acesso às RSIs: *tablets* e *smartphones* já permitem o acesso, de forma que algumas especificamente foram criadas para funcionar fora dos computadores³. Então, com base num aparato tecnológico deste porte, é possível estar em qualquer lugar a qualquer tempo: “Informações pessoais privadas trafegam livremente entre os diversos repositórios, indo parar em bases de dados gigantes que analisam gostos e preferências individuais para inúmeros fins: governamentais, gerenciais, estatísticos, publicitários, estratégicos” (SANTAELLA e LEMOS, 2011, p. 59), o que apenas corrobora o posicionamento de que a evolução das redes sociais já está arraigada na cultura dos que se utilizam da Internet constantemente.

Como se sabe que as culturas são heterogêneas e que não deixam de evoluir, há sempre uma grande demanda enunciativa que age sobre o que já existe. Como a internet está em estágio de beta eterno⁴ (PRIMO; RECUERO, 2006), há momentos em que os programadores de *softwares* não atendem a essas demandas com novos aplicativos, novas ferramentas, portanto os usuários buscam alternativas para suprir tal necessidade com o que já tem. Este é um dos motivos que potencializa a emergência de gêneros: a demanda enunciativa (jamais satisfeita) dos usuários, que pode ser explanada com as luzes da Teoria da Complexidade.

³ Veja o exemplo do Foursquare.com – trata-se de um geolocalizador, responsável por um rastreamento espacial em tempo real. Consiste em se postar a localização precisa num dado momento. Ou seja, só faz sentido existir em dispositivos móveis.

⁴ “Beta eterno” significa que um determinado *software* nunca está em estágio final de desenvolvimento.

Dos Sistemas Adaptativos Complexos e do fenômeno da emergência

Os estudos sobre os sistemas adaptativos complexos (SAC) tiveram início com a Teoria da Complexidade, esta com bases epistemológicas ainda da Grécia Antiga. Também conhecida atualmente como Teoria do Caos, em nada ela se aproxima do que o senso comum acredita: da desordem, da bagunça. Pelo contrário, “na engenharia, a teoria do caos é chamada de teoria da estabilidade – ou seja, o estudo da estabilidade implícita na desordem e na instabilidade, muito embora alguns cientistas nos lembrem que, inversamente, a desordem está implícita na ordem” (SLETHAUG, 2000, p. xxiii *apud* OLIVEIRA, 2009, p.c15).

A Teoria da Complexidade, segundo Martins (2008), apresentam diferentes linhas de pesquisa, atuando em distintas áreas do conhecimento. As mais proeminentes têm sido a Teoria do Caos, a Teoria das Estruturas Dissipativas – essas duas com preocupações com modelos matemáticos de sistemas – a Teoria dos Sistemas Complexos Adaptativos – estudada também por diferentes ciências, como as exatas – Matemática, Física –, as biológicas e as humanas, onde nos enquadrados. Mesmo na Linguística, diferentes vertentes têm se utilizado das pesquisas com SAC, como a Linguística Aplicada (MARTINS, 2008; D’Andréa, 2011), a Semiótica (SANTAELLA; LEMOS, 2011) e nós, da Análise de Gêneros (LIMA-NETO, 2012).

Se consideramos um SAC como um sistema “que enfoca os processos de adaptação que permitem que os agentes se ajustem uns aos outros e ao sistema, possibilitando, assim, que o sistema como um todo sobreviva” (MARTINS, 2008, p. 41), então podemos argumentar, com Santaella e Lemos (2011), que as RSI resguardam essas características e se comportam como tal. As bases utilizadas pela Teoria da Complexidade lançam luzes sobre o que parece haver nas práticas de linguagem em RSI: um aparente caos de informações no qual todos acabam agindo socialmente e se comunicando na mais perfeita harmonia.

Para Santaella e Lemos (2011), uma RSI é um **sistema**, pois “é um conjunto interrelacionado, uma totalidade integrada de partes diferenciadas, formando um todo organizado que propicia a consecução de algum fim a partir de suas interações conjuntas” (SANTAELLA; LEMOS, 2011, p. 18). Neste estudo, entendemos que, para o perfeito funcionamento da RSI, muitos elementos

funcionam em conjunto, como o suporte digital (o *hardware* e o *software* do computador, a internet), os atores, os gêneros que são utilizados para se interagir etc.

A RSI é **adaptativa**, porque é passível de se adaptar em ambientes de mudanças, embora resguarde estados que mantenham a sua estabilidade e identidade. Logo, as RSIs atuais, como Twitter e Facebook, têm seus *layouts* alterados constantemente, em virtude das demandas enunciativas dos usuários e das demandas exigidas pelo mundo exterior. A cada dia, novos aplicativos são desenvolvidos e novos objetivos tendem a ser alcançados com as mudanças de *layout*, sempre, claro, mantendo o objetivo maior: a construção e manutenção das redes sociais. Por fim, ela é **complexa** porque funciona a partir de muitos elementos heterogêneos que se entrelaçam; “há uma indissociação e uma relação intrínseca entre as partes do sistema” (OLIVEIRA, 2009, p. 15), o que é mostrado pelas relações interrelacionadas das **conexões** (estabelecidas pelos gêneros, pelos aplicativos disponíveis nas RSIs etc.) e dos **atores** (os usuários, cujas demandas enunciativas são satisfeitas nas RSIs), elementos básicos de uma rede social.

Assim como todos os SACs, as RSIs possuem, dentre tantas, duas características fundamentais: a **auto-organização** e a **emergência**. Falar em auto-organização de sistemas complexos é entendê-la como a “emergência espontânea de novas estruturas e de novas formas de comportamento em sistemas abertos, afastados do equilíbrio, caracterizados por laços de realimentação internos e descritos matematicamente por meio de equações não lineares.” (CAPRA, 2001, p. 69). Neste caso, um SAC é auto-organizado porque, diante de sua dinamicidade inerente, tem potencial de criar novas estruturas e novos modos de comportamento, moldando-se à situação exigida. Tais alterações para se moldarem a uma nova exigência do mundo exterior são espontâneas.

Quando ajustamos a lupa para o Facebook, vemos que ele se enquadra na característica de auto-organização dos SACs, já que, em virtude de novas demandas constantes, outras formas de se comunicar emergem nelas, além de novos aplicativos e novos *layouts* recorrentemente, o que naturalmente provoca mudanças de comportamento dos atores. Esta RSI constantemente cria novas ferramentas para seus usuários, o que, no início, causa certo estranhamento –

característica do desequilíbrio – mas, a partir dos usos, estabelece-se um padrão comportamental, permitindo uma tendência à estabilização – traço do equilíbrio.

Quando chegamos ao conceito de emergência, entendemos, com Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 59), que é um “aparecimento, em um sistema complexo, de um novo estado em um nível de organização maior que o anterior”. Trata-se de um comportamento novo, não previsto pelo sistema, mas que tende a entrar em uma padronização dentro de certo tempo, para, depois, sofrer nova mudança, novo comportamento emergente. Em SAC, os comportamentos emergentes são recorrentes, não findam.

Braga (2009) traz duas propriedades fundamentais da emergência:

- (1) **Imprevisibilidade**, pois os fenômenos emergentes estão ancorados na surpresa; não é possível prever que aconteçam;
- (2) **Irreducibilidade**, pois as propriedades estudadas nos níveis superiores não podem ser compreendidas com elementos dos níveis inferiores.

Em geral, as estratégias de linguagem emergentes nas RSIs enquadram-se em ambas as características. Em nenhum momento elas foram previsíveis, enxergadas como potenciais por seus engenheiros, mas somente pelos usuários (são eles que as utilizam e as mudam, com o fim de atender a um propósito específico); e não podem ser entendidas se não estiverem ancoradas num sistema; não preexistem a ele, mas ajudam a mantê-lo em funcionamento.

Para D’andrea (2011, p. 120),

Para que haja emergência, a correlação entre as partes tem que ser lógica e consistente, isto é, *coerente*, o que permite a manutenção de uma certa identidade ao longo do tempo. Nesse sentido, mais do que atuar de forma paralela, as partes precisam interagir entre si, mas sem que um controle centralizado direcione o comportamento do nível macro.

Logo, as partes do sistema (entre elas os atores) realizam *conexões* e, a partir de uma demanda enunciativa existente nas RSIs, os gêneros tendem a emergir num processo coerente e espontâneo, de forma que, ao longo do tempo, atendam a certas recorrências que vão permitir o reconhecimento daquela prática de linguagem por parte dos usuários. É, praticamente, impossível encontrar o momento

em que um comportamento emergente surge, assim como é impossível dizer o primeiro uso de uma determinada prática de linguagem nas RSIs, mas, com o tempo e com a apropriação de tal prática por outros usuários, a tendência é que eles adquiram determinados padrões e possam ser reconhecidos pelos usuários das redes.

Num gráfico, entendemos a o fenômeno da emergência da seguinte forma:

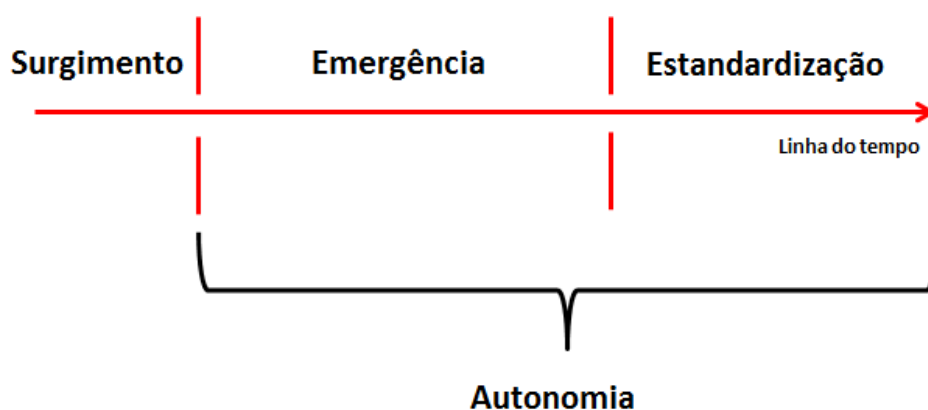


Gráfico 1: Percurso histórico dos gêneros

Parece haver pelo menos três momentos na história de um gênero: o **surgimento**, que é único: o gênero surge de uma demanda enunciativa de um grupo; de uma negociação da linguagem que precisa atender a determinados propósitos discursivos, por meio dos quais será possível que os indivíduos desse grupo realizem práticas sociais. O gênero é criado por uma instância enunciativa. A princípio, são práticas discursivas não necessariamente existentes autônomas; podem aparecer presas a outras ou reelaboradas.

O segundo momento é a **emergência**, que ocorrerá quando houver certa recorrência de estruturas, e os usuários as reconhecem e passam a adotá-las. Logo, uma identidade estará se formando aqui, talvez, a longo prazo (ou a curto, em se tratando de velocidade da internet), mas tal prática já se figura como autônoma, o que parece tratar-se de um indício de emergência de um gênero.

Depois, o último momento é o da **estandardização**, termo que utilizamos emprestado de Costa (2010), quando se refere a um possível alto grau de estabilização de um determinado gênero. Na verdade, também corroboramos com o ponto de vista do autor, quando demonstra que existe sim uma certa gradação entre

a emergência e standardização: há gêneros digitais mais standardizados do que outros.

Em suma, todos os gêneros utilizados na sociedade passaram por esses momentos. Na internet, parece que essa linha do tempo é muito diferente, já que a relação espaço/tempo varia em função da ambiência. Em 1995, por exemplo, o *chat* era absoluta novidade, que ganhou adeptos muito rapidamente, o que representava haver uma demanda enunciativa bastante grande para atingir a ação social de bater papo na internet. O *chat* também passou por um momento de emergência, quando ainda todos buscavam entender todas as suas potencialidades enunciativas, durante o seu período de popularização. Hoje, já é um gênero reconhecido socialmente pela grande maioria dos usuários da rede, ou seja, enquadrar-se-ia, em nossa gradação, mais à frente, voltando para o polo + standardizado do que o *scrap* do Orkut, por exemplo, ou certas práticas de linguagem utilizadas no Twitter.

Se entendemos os gêneros como ações retóricas tipificadas baseadas em situações retóricas recorrentes (MILLER, [1984] 2009), é necessário que entendamos onde eles se atualizam na rede. Como funcionam nas RSIs deve ser analisado, já que a situação comunicativa imediata é requisito básico para o reconhecimento de um gênero.

Da emergência de gêneros no Facebook

Práticas de linguagem emergentes na internet são comuns, exatamente em função da natureza das RSIs como SACs. Desde 2009, com a ascensão do Facebook como o site de rede social com mais adeptos no mundo, as formas de (inter)agir socialmente vêm sendo recriadas e reelaboradas na internet, a partir da valorização e do reconhecimento de tais práticas de linguagem como legítimas pelos usuários da rede. Durante nossa pesquisa de doutoramento, realizamos uma coleta de dados nos meses de abril a dezembro de 25 textos propagados no mural de informações de nosso próprio perfil no Facebook. Os textos tinham como requisitos os seguintes:

- 1) Ser um enunciado construído por montagem de informações, a partir de programas como *Photoshop*, *Corel Draw* etc;

- 2) Apresentar em sua composição uma temática cuja relevância seja social;
- 3) Mostrar um posicionamento crítico.

Por limitações de espaço, desenvolvemos nossas reflexões a partir de uma amostra do *corpus* de dois exemplares, que apresentavam as características mencionadas.



Figura 1: Prática de linguagem emergente no Facebook

A imagem é um exemplar de práticas de linguagem relativamente novas que a toda hora se manifestam no Facebook. O que se realiza é uma crítica ferrenha a um comportamento social comum no Brasil: a desvalorização do professor. Em tempos de RSIs, diante da criatividade do usuário, potencializada ainda pelas novas tecnologias e pelo *layout* do Facebook, é recorrente o uso de estratégias de montagem, como vemos, com a finalidade de atingir um determinado propósito.

Em 1, temos a imagem de dois profissionais: de um lado, a professora; de outro, o futebolista Neymar, atacante do Santos atualmente e dono do maior salário de jogador entre os brasileiros. As imagens apenas dão amparo multimodal às questões colocadas pelo enunciador no que diz respeito à gritante diferença de salário entre eles. Além disso, o enunciado é constituído também por *links* que

levam a notícias da economia mundial, que afirmam que o Brasil passa a ser a sexta economia do mundo. Logo, o grande questionamento é como um país tão grande e muito bem economicamente pode pagar tão mal os profissionais que são os responsáveis pela educação do país?

Este exemplar parece ser um comportamento emergente. No mural do Facebook, ao responder à questão “What’s on your mind?” (No que você está pensando?), o usuário tem a liberdade de simplesmente se manifestar linguisticamente da forma que lhe convier. Logo, muitos gêneros são ali materializados: aforismos, anúncios, críticas, charges, clipes musicais, quadrinhos etc. Neste exemplo em específico, vemos que o usuário atinge um determinado propósito – manifestar seu repúdio à desvalorização do professor – por meio de uma artimanha de montagem: recortou figuras, colocou suas indagações e ainda reforçou o seu posicionamento com um argumento de autoridade: implementando links para notícias legítimas sobre a atual situação da economia brasileira aliada ao o *détournement*, em 3 (KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2007): “Brasil, um país de tolos”, que faz referência ao *slogan* “Brasil, um país de todos”, do Governo Federal.

É evidente que montagens com recortes de jornais, por exemplo, não são exclusivas da internet. Entretanto, a maneira de construir críticas no Facebook tem se tornado recorrência, o que nos garante um mínimo de emergência genérica. Acompanhando a seta, vemos que a sua estratégia deu certo: nada menos que 6.477 compartilhamentos foram efetuados, ou seja, isso significa que tal prática foi aceita, reconhecida socialmente por outros usuários e está sendo espalhada pela rede. As críticas sociais montadas dessa forma – com uma certa mescla de elementos multimodais e hipertextuais, além das relações intertextuais, como o *détournement* mostrado, tendem a ser recorrentes na rede, o que pode levar, daqui a certo tempo, a um padrão. É este momento que denominamos de emergência: esta forma não foi prevista pelo sistema; foi criada pelos usuários, embora, seja reconhecido socialmente e está sendo utilizado por outras pessoas que têm o mesmo propósito. A composição a seguir também demonstra características dessa natureza:

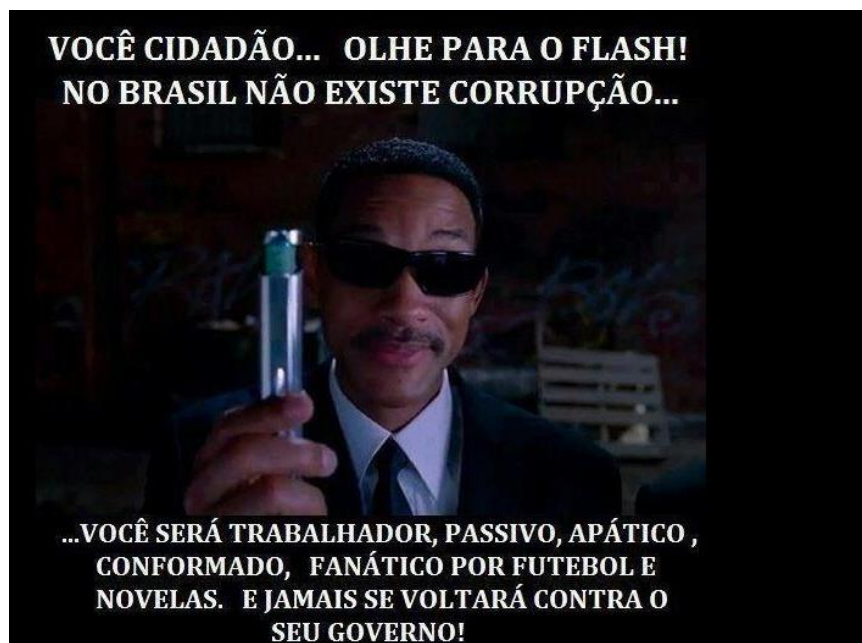


Figura 2: Gênero em emergência

O exemplo em tela mostra uma montagem com uma cena do filme **Homens de Preto**. Para a apreensão do sentido do texto, o leitor deve recuperar a cena do filme que mostra o ator segurando um objeto cuja característica é lançar um *flash* que provoca o esquecimento imediato de ações vividas pelos personagens pouco tempo antes. No caso, o intuito é fazer com que eles não lembrem que viram seres extraterrestres circulando pela Terra no meio de humanos.

Neste enunciado, a cena do filme é recategorizada. Uma cena do filme é recortada e utilizada como elemento de argumentação para justificar o posicionamento do enunciador do texto sobre a mentalidade do cidadão brasileiro. Para defender seu ponto de vista, ele se utiliza da estratégia da ironia, marcada por suas palavras: “No Brasil, não existe corrupção; você será trabalhador, passivo, apático, conformado, fanático por futebol e novelas. E jamais se voltará contra o seu governo”. Com esse enunciado, ele aponta características típicas da sociedade brasileira, a qual tem como esporte predileto o futebol e como atividade de lazer as novelas criadas por emissoras de televisão e faz uma crítica ao cidadão que, estando preso a essas duas atividades, será conformado com situações que são de conhecimento do senso comum, como o fato de o país ter um governo marcado pela corrupção e de não haver represálias populares.

Note que, para construir esse posicionamento sobre um assunto de interesse coletivo, o enunciador se utilizou de programas de computador para realizar uma montagem e uma estratégia de textualização que marca o seu posicionamento crítico quanto à sociedade brasileira, no caso, a ironia.

Em suma, exemplos dessa natureza mostram que novas formas de enunciar estão nascendo na internet: não que montagens dessa natureza não existissem antes do Facebook, mas a maneira como elas são feitas (usos de programas de edição de imagem), as consequências dessa montagem na relação entre os atores da rede (a partir das RSI 3.0, ficou mais fácil defender um posicionamento abertamente; as pessoas concordam, discordam, compartilham etc.) e o impacto que isso tem nas relações sociais (veja-se o caso da Primavera Árabe, por exemplo, cuja queda do ditador egípcio Hosni Mubarak foi organizada pelo Facebook, em 2011) parecem gerar práticas discursivas em emergência, que possivelmente, em pouco tempo, passarão a ser nomeadas e terão *status* de gênero.

Considerações finais

Entender como acontece a emergência de gêneros na Internet é um desafio. Sabe-se que os gêneros surgem a cada dia, para atender a necessidades enunciativas variadas, e, nas RSI, tal prática parece ser bastante naturalizada, embora poucos se deem conta de que estão (re)criando gêneros. Uma forma de compreender o fenômeno é por meio da Teoria da Complexidade e dos Sistemas Adaptativos Complexos, que têm características que se enquadram no funcionamento natural das RSI. No Facebook, a ferramenta de **compartilhamento** nos auxilia bastante a trazer indícios de emergência de gêneros, a partir do momento em que se reconhece socialmente e se utiliza do mesmo enunciado para atender ao mesmo propósito. A longo prazo, tal enunciado pode se tornar mais (ou menos, em se tratando de RSIs) estandardizado.

Referências

BRAGA, E. C. As redes sociais e suas propriedades emergentes como a inteligência coletiva. **Revista de Tecnologias Cognitivas**, PUC-SP, n. 2, p. 48-59, julho-dezembro/2009.

CAPRA, F. **A teia da vida**. Trad: Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 2001.

COSTA, R. R. **A TV na Web**: percursos da reelaboração de gêneros audiovisuais na era da transmídia. 2010. 173 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, UFC, Fortaleza, 2010.

D'ANDREA, C. F. B. **Processos editoriais auto-organizados na Wikipédia em Português**: edição colaborativa de “biografias de pessoas vivas”. 2011. 333 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

HORNICK, D. **Social networks 3.0**. 2005. Disponível em: <http://www.ventureblog.com/2005/12/social-networks-30.html>. Acesso em: 3 out. 2011.

KOCH, I. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

LARSEN-FREEMAN, D.; CAMERON, L. **Complex Systems and Applied Linguistics**. Oxford University Press, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros digitais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentidos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 13-67.

MARTINS, A. C. S. **A emergência em eventos complexos em aulas on-line e face-a-face**: uma abordagem ecológica. 2008. 189 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

MILLER, C. Gênero como ação social. In: _____. **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. Trad. e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel et al. Recife: EDUFPE, [1984] 2009, p. 21-44.

PRIMO, A.; RECUERO, R. da C. A terceira geração da hipertextualidade: cooperação e conflito na escrita coletiva de hipertextos com links multidirecionais. **Líbero** (FACASPER), v. IX, p. 83-93, 2006.

OLIVEIRA, R. A. Complexidade: conceitos, origens, afiliações e evoluções. In: PAIVA; V. L. O; NASCIMENTO, M. **Sistemas complexos adaptativos**: lingua(gem) e aprendizagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009, p. 13-34.

RECUERO, R. **Comunidades em redes sociais na internet**: proposta de tipologia baseada em fotolog.com. 2006. 334 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

_____. **Sobre a diferença entre sites, comunidades e redes sociais**. 2007. Disponível em: http://pontomidia.com.br/raquel/arquivos/sobre_a_diferenca_entre_sites_comunidades_e_redes_sociais.html. Acesso em: 10 jun. 2009.

_____. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. **Redes sociais digitais**: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2011.